

PERCY SYKES

OS GRANDES  
EXPLORADORES  
DA HISTÓRIA

Tradução de  
Carla Ribeiro

alma  
dos  
livros

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2021

Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros

Título: *Os Grandes Exploradores da História*

Título original: *A History of Exploration*

Autor: Percy Sykes

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Ana Seromenho

Capa: Vera Braga / Alma dos Livros

Imagens de capa: Naus portuguesas ao largo de uma costa rochosa.  
Joachim Patinir, c. 1540. Museu Marítimo Nacional, Greenwich, Londres.

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 488 145/21

1.ª edição: outubro de 2021

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.

*Dedicado à  
Royal Geographical Society  
em grato reconhecimento pelo seu incentivo  
aos meus humildes esforços no ramo  
da exploração*

# ÍNDICE

<i>Prefácio</i> .....	11
I Primeiras explorações .....	13
II A expedição de Alexandre, <i>o Grande</i> .....	23
III Exploradores do Império Chinês .....	33
IV Geógrafos do Império Romano .....	49
V Exploração ao abrigo do Califado.....	61
VI Os viquingues .....	69
VII Peregrinos e cruzados .....	77
VIII Marco Polo atravessa a Ásia.....	85
IX As explorações de Marco Polo no Extremo Oriente .....	97
X Ibn Battuta, o maior explorador muçulmano.....	107
XI Bartolomeu Dias circum-navega África.....	121
XII Vasco da Gama viaja para a Índia.....	133
XIII Cristóvão Colombo descobre o Novo Mundo.....	141
XIV Os Conquistadores.....	153
XV Magalhães e a circum-navegação do mundo.....	163
XVI Exploradores nas latitudes do norte durante os séculos XVI e XVII .....	171
XVII Exploração no Sul da Ásia durante os séculos XVI e XVII .....	179
XVIII A penetração da China e do Tibete nos séculos XVII e XVIII .....	191
XIX A descoberta da Sibéria e do Japão.....	197
XX O capitão Cook explora o oceano Pacífico.....	205
XXI A penetração da América durante os séculos XVII e XVIII .....	215
XXII América – a fase final .....	225

XXIII	A exploração da Australásia.....	239
XXIV	O problema do Níger.....	249
XXV	Livingstone, o maior explorador de África .....	259
XXVI	O problema do Nilo.....	267
XXVII	África – a fase final .....	277
XXVIII	A exploração da Ásia Central nos tempos modernos ..	287
XXIX	Exploradores modernos do Tibete .....	299
XXX	Exploração na Ásia – a fase final .....	311
XXXI	Arábia – de Niebuhr a Doughty .....	323
XXXII	Arábia – a fase intermédia .....	337
XXXIII	Arábia – a fase final.....	345
XXXIV	Os exploradores do Ártico .....	361
XXXV	Os exploradores do Antártico .....	377

## PREFÁCIO

A exploração e as viagens constituem os principais interesses da minha vida, e tive a sorte de ter podido deambular por muitos locais. Ouvi também muitos grandes exploradores, a começar por *Sir Samuel Baker*, quando eu era um rapaz de dez anos; e posso contar com alguns deles entre os meus amigos.

Nesta obra, destinada ao leitor comum, não fiz qualquer tentativa para incluir todos os exploradores ou todas as viagens, devido ao número limitado de palavras que tenho à disposição; na verdade, a transbordante abundância de material constituiu uma grave dificuldade. O meu plano consistiu em preparar o cenário quando fosse necessário, deixando, na medida do possível, que os atores principais falassem por si mesmos. Abordei superficialmente os países mais conhecidos e dediquei a maioria do meu espaço aos locais mais remotos do mundo.

Obtive muita ajuda dos amigos. O tenente-coronel Kenneth Mason, professor de geografia em Oxford, leu quase todas as minhas provas, e estou também profundamente em dívida para com o Sr. E. Heawood e o Sr. G. R. Crone, da Royal Geographical Society, em cuja biblioteca esta obra foi maioritariamente escrita. Os capítulos dedicados aos temas em que eles são os principais especialistas foram lidos por *Sir Percy Cox*, *Sir William Gowers*, pelo Dr. Hugh Mill, pelo coronel C. H. D. Ryder, pelo coronel T. E. Lawrence, pelo Sr. J. H. Wordie, pelo Dr. T. G. Longstaff e pelo Sr. John Baddeley. Reconheço com gratidão esta valiosa assistência. Estou profundamente grato pela obra de referência do Sr. J. N. L. Baker.

Além dos agradecimentos feitos no texto, gostava de agradecer à Jonathan Cape pela autorização para citar o *Arabia Felix*, e aos proprietários da Argonaut Press pela permissão para mencionar os seus *Varthema* e *Cabot*. A Thornton Butterworth concedeu-me igual

consentimento para referir *The Lost Oases*, e a Constable & Co. para as obras do Sr. Philby. Finalmente, gostava de expressar a minha gratidão por quaisquer citações que possa ter feito de outras obras.

Foram muitos os livros consultados, mas, em vez de uma bibliografia, optei por apresentar as principais obras em notas de rodapé, conforme as consultei. Regra geral, refiro-me aos exploradores apenas pelos apelidos no texto.

Em suma, desde há quase dois anos que desfruto da companhia dos grandes exploradores, passados e presentes, e se este epítome dos seus feitos heroicos proporcionar aos meus leitores um décimo do prazer que senti ao escrevê-lo, considerar-me-ei amplamente recompensado.

# I

## PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES

«Estende o norte sobre o vazio e suspende  
a terra sobre o nada.»

JOB 26:7

No sentido mais amplo da palavra, a exploração foi, sem dúvida, realizada em todo o mundo pelos seus habitantes primitivos. Para se alimentarem, dependiam em parte de raízes e bagas, mas sobretudo da caça, e devem ter viajado muito em busca das presas de que, pelo menos nas regiões mais frias, precisavam não só para se alimentarem, mas também para se cobrirem com as suas peles; nas regiões costeiras, baseavam-se no marisco e na pesca. Após essa primeira «recolha de alimentos», veio a agricultura, que foi talvez «inventada» nos vales do Eufrates e do Nilo. Os primeiros agricultores levavam uma vida parcialmente pastoril, como ainda acontece nos países onde as pastagens são escassas devido à falta de chuva. Um bom exemplo é a Pérsia, onde tribos nômadas, como os *kashgais*, percorrem mais de 320 quilômetros na primavera, das regiões quentes junto ao golfo Pérsico às revigorantes terras altas de Fars, e uma distância similar no outono, de regresso às pastagens de inverno. O exército de Ciro, o *Grande*, era composto principalmente por pastores de Fars, da Média e de Elão.

Ao chegar à época histórica, as inscrições falam-nos em particular das guerras travadas e dos templos construídos. Mas, aqui e ali, encontramos referências à exploração. Na *Epopéia de Gilgamesh*, uma das mais antigas histórias do velho mundo da Suméria, lemos como o herói partiu com um companheiro para atacar o rei de Elão, que invadira a Suméria. «Ouvindo dizer que o inimigo estava escondido num bosque sagrado, prosseguiram, e pararam, extasiados, diante dos cedros; contemplaram a sua altura, a sua espessura.» É evidente que o autor da lenda habitava nas planícies do Iraque, que, excetuando



os bosques de tamareiras, não têm árvores, e viajara para as montanhas de Elão, onde as magníficas árvores o impressionaram.

As primeiras campanhas da Suméria foram com estes montanhese de Elão, mas Sargão, fundador da dinastia acádia, conquistou Elão e muitos distritos para norte, bem como a Síria a oeste, enquanto Naram-Sin ocupou Lulubi, um país nas proximidades da atual Kermanshah, como registado na famosa estela de Naram-Sin.

O comércio surgiu cedo, logo no quarto milénio a. C. Tal como é salientado por Leonard Woolley,<sup>1</sup> a riqueza da Suméria era puramente agrícola, e as suas importações incluíam cobre de Omã, prata de Elão, calcário do vale superior do Eufrates e diorite de Magã, no golfo Pérsico; o lápis-lazúli provinha da distante Badakshan. Toda esta matéria-prima era paga com o sofisticado trabalho dos ourives, os sumptuosos tecidos e outros produtos que eram procurados por todo o Próximo Oriente. Por volta do período da Primeira Dinastia, encontramos no Egito maças de pedra, selos cilíndricos e outros objetos que provam as ligações comerciais entre os vales do Eufrates e do Nilo. E não é tudo. Escavações recentes em Mohenjo-daro trouxeram à luz uma civilização muito antiga semelhante à da Suméria. Não só os seus selos são similares em forma, material e estilo, como também se deteta uma semelhança nas figuras de terracota. É evidente que estas duas civilizações têm uma fonte comum, provavelmente na Pérsia. Vários objetos descobertos no vale do Indo, em Elão e no Iraque confirmam a existência de uma comunicação considerável em finais do quarto milénio a. C., período em que Mohenjo-daro estava no apogeu.

À Suméria e à Acádia, seguiu-se o primeiro império da Babilónia, que atingiu o apogeu no reinado de Hamurabi, o célebre legislador. É possivelmente ele o Amrafel de Génesis 14, que saqueou a Palestina com os reis de Elão, de Larsa e dos hititas, levando consigo Lot, que, segundo o relato, foi resgatado pelo tio Abraão.

Mas a Assíria foi a mais guerreira das antigas potências, e conquistou províncias em todas as direções. Por volta de 1100 a. C., Tiglate-Pileser marchou até à nascente do Tigre, onde uma inscrição ainda visível descreve a campanha. Para leste, invadiu a Média, sendo feita uma lista dos locais que capturou, enquanto para oeste,

---

<sup>1</sup> *The Sumerians*, de C. Leonard Woolley, pp. 45 *et seq.*

venceu os hititas e alcançou o Mediterrâneo, embarcando em Arvad para um cruzeiro no mar. Sargão II, no século VIII, anexou o país dos hititas, invadiu a Samaria e levou Israel prisioneira para as planícies do Iraque e para a distante Média. O sucessor, Senaquerib, descreve ao pormenor uma expedição naval enviada contra certos caldeus que se tinham refugiado nas terras costeiras de Elão. O monarca assírio descreve como a sua frota foi formada nas margens superiores do Tigre e do Eufrates, tendo os navios construídos no primeiro rio sido arrastados sobre rolos de Ópis até ao Eufrates. Do porto de Bab-salimeti,<sup>2</sup> junto à sua foz, a frota partiu para o rio Ulai ou Karun, onde a surpresa dos caldeus foi total. Os acampamentos foram destruídos e a expedição regressou à sua base em triunfo. Importa salientar que neste período os três rios chegavam independentes ao golfo Pérsico, tendo a terra avançado bem mais de cento e sessenta quilómetros desde a data da expedição de Senaquerib, o que acrescentou, sem dúvida, ao conhecimento geográfico assírio.

Esar-Hadom, que sucedeu ao pai, conquistou o Egito. Entrou também na Média até ao monte Demavand, que considerava ser o limite do mundo. A Assíria atingiu o apogeu do seu poder no reinado deste monarca, enquanto em 645 a. C., Assurbanípal capturou e saqueou Susa, e Elão desapareceu enquanto reino. Pouco depois, Ciaxares da Média e Nabopolassar da Babilónia ocuparam Nínive, e a Assíria desapareceu também, para abrir caminho aos impérios da Média e da Pérsia.

Deste longo período de cerca de dois mil anos, não temos informações definidas sobre as relações com a China, mas Grousset<sup>3</sup> demonstra, ainda que apenas através de ilustrações, que, no alvorecer da história, existia uma civilização comum que se estendia desde o Egito até ao Huang Ho ou «rio Amarelo» e ao Indo, sendo os ideais, processos e temas da sua arte de natureza similar. Justifica-se, pois, que concluamos que o horizonte e o comércio dos povos se estenderam gradualmente, entendendo em simultâneo, a partir da troca de cartas e presentes entre os soberanos destas antigas monarquias, que eles

---

<sup>2</sup> A forma deste nome é quase idêntica à do árabe moderno e significa «portão de segurança».

<sup>3</sup> *The Civilization of the East*, de René Grousset, 1932, Vol. I, p. 25.

estavam bem informados quanto à política e às rotas comerciais do Próximo e Médio Oriente.

Chegamos em seguida ao que pode ser designado como a região do Egeu, extraordinariamente propícia à navegação. O primeiro império marítimo foi o de Creta, fundado por volta de 2800 a. C. e conhecido como minoico, em honra da sua grande dinastia histórica que depois se tornou lendária na Grécia. Durante a sua longa existência, Creta esteve intimamente ligada ao Egito, e os dois impérios prosperaram e decaíram juntos ao longo dos séculos. Em Cnossos, vi o que foi, sem dúvida, o trono de Minos.

Dado as muitas tábuas cretenses que foram descobertas não podem ser lidas, o nosso conhecimento dos *keftui* e da sua história é obtido sobretudo a partir dos anais egípcios. Sabemos que eram um povo de marinheiros, que estabeleceram a sua influência sobre as ilhas vizinhas, de onde se espalhou para a Grécia continental, tendo Micenas ocupado o lugar de Creta. Há navios nos seus selos. Tinham um único mastro, proas altas e eram movidos a remos. Os esplêndidos palácios de Cnossos e o luxo dos ocupantes provam a extensão e a importância do seu comércio marítimo, que se estendeu, sem dúvida, à Sicília e ao Sul de Itália. Lemos também sobre um contrato feito por Tutmés III com estes marinheiros para o transporte de madeira do Líbano para o Egito em 1467 a. C.

O Império Minoico caiu por volta de 1450 a. C., e a opinião geral é que foram os aqueus quem derrubou o poder marítimo de Creta, estabelecendo a hegemonia de Micenas.

Os sucessores foram os fenícios de Biblos, Arvad, Tiro e Sídón, que desenvolveram uma aptidão notável pela navegação e, a partir de cerca de 1200 a. C., criaram postos de comércio em muitos pontos do Mediterrâneo e mais além, onde vendiam os seus linhos finos, os produtos de lã tingida e objetos de vidro. Cartago, a principal colónia, foi fundada por volta de 840 a. C. As suas frotas comerciavam no mar Vermelho e estabeleceram relações comerciais com a Índia. A este respeito, Ezequiel, sacerdote no Templo de Jerusalém, fez uma descrição muito interessante das relações comerciais de Tiro no início do século VI a. C. Começando pela madeira para os navios e para os remos, vinda de Senir (no monte Hérmon), do Líbano e de Basã, refere-se ao fino linho com bordados do Egito para as velas;

enquanto o azul e a púrpura eram importados das ilhas de Elisá no mar Egeu. Continua assim: «Os habitantes de Sídón e Arvad eram os teus marinheiros, os teus sábios eram os teus pilotos.» O profeta fala dos calafates e refere que os persas, os lídios e os homens de Phut (da Líbia) eram os combatentes. Regressando às questões comerciais, Tarsis (provavelmente um porto na Índia) negociava em prata, ferro, estanho e chumbo; Javan (os gregos jónicos), Tubal (os Balcãs) e Meseque (o porto de Dofar ou Ofir) negociavam escravos e objetos de bronze. A casa de Togarma (Arménia) levava cavalos, cavaleiros e mulas. A Síria negociava em esmeraldas, púrpura e bordados, linho fino, coral e ágatas. Damasco negociava produtos tírios, enquanto Dan e Javan importavam ferro trabalhado, cássia e cálamo. A Arábia fornecia ovelhas e cabras, enquanto os mercadores de Sabá (Iémen) e de Raamá em Hadramaut negociavam várias especiarias, todo o tipo de joias e ouro. Haran, no Iraque, Calné, na Caldeia, e Éden (a atual Áden), bem como os mercadores de Sabá, Assur e Kilmad na Média, também são referidos. Ao todo, temos um valioso relato, e até detalhado, das relações comerciais de Tiro com os países vizinhos. Importa, porém, salientar que os fenícios – cujas principais exportações eram a madeira e a púrpura – nunca produziram joias nem cerâmica de natureza artística, talvez uma das razões do sucesso dos rivais gregos. Tal como os venezianos, eram principalmente transportadores, e não fabricantes.

Uma história contada por Heródoto diz que Neco, rei do Egito por volta de 600 a. C., enviou uma expedição tripulada por fenícios que contornou África de leste para oeste, mantendo o sol do seu lado direito, e regressou em segurança ao Egito através das Colunas de Hércules, após ter demorado três anos na viagem. É neste contexto que o oceano Atlântico é mencionado pela primeira vez por Heródoto. Poderá pensar-se que tal exploração estaria para lá dos limites do possível. Mas será assim tão certo? Há muitos anos, na primeira vez que visitei Mascate, fiquei espantado ao descobrir que um ramo da família reinante ocupava o Sultanato de Zanzibar, a mais de 3200 quilómetros. Após algumas pesquisas, pareceu-me que o vento regular de nordeste que sopra durante o inverno e a constante monção de sudoeste no verão proporcionavam a explicação. Ajudam também a resolver o nosso problema atual.

Os navios dos fenícios assemelhavam-se às modernas *baggalas* árabes, e os marinheiros eram experientes e também hábeis construtores navais, enquanto a questão das provisões podia ser gerida fazendo uma sementeira e esperando que amadurecesse. Consequentemente, não é improvável que este grande feito tenha sido empreendido.

Seja como for, Cartago enviou uma expedição por volta deste período, com o objetivo de formar colónias na costa ocidental de África. Na verdade, Cartago revelou uma energia incrível na fundação de postos de comércio, que se estenderam para oeste até ao estreito de Gibraltar e pela costa africana. A escala a que trabalhou é demonstrada por uma declaração de que trinta mil homens e mulheres foram enviados para fundar os postos no Oeste de Marrocos. Mais uma vez, ouvimos falar em explorações para norte ao longo da costa de Espanha, e foram, sem dúvida, enviadas expedições para transportar estanho das «Ilhas do Estanho», ainda que aparentemente não tenham aí sido fundados quaisquer postos.

Em termos gerais, ao contrário dos gregos e dos etruscos, os fenícios não colonizavam no sentido de se instalarem para cultivar a terra, com o comércio como consideração secundária. O comércio vinha sempre em primeiro lugar, e, onde detivessem terras, estas eram quase todas cultivadas por escravos. Não que não tenham construído belas cidades na costa africana, no Oeste da Sicília e na Sardenha. Em África, além do comércio marítimo, estavam interessados nas caravanas que atravessavam o Sara até ao interior do Níger. A rota oriental para o lago Chade descia para sul a partir das colónias gregas de Cirene e de Barca, estando portanto fora da sua esfera. Finalmente, em Espanha, onde Gades (Cádiz) era uma colónia muito antiga, impediram os aventureiros gregos de penetrar no Atlântico ou de se instalarem em qualquer parte de Espanha.

Outra poderosa raça de marinheiros foram os tirrenos, irmãos dos lídios, que se instalaram na costa italiana, sobretudo entre o Tibre e o Arno, sendo conhecidos pelos romanos como «toscanos» ou «etruscos». Chegaram a Itália possivelmente no século IX a. C. e, por volta do século VI, tinham já formado uma liga de doze principais comunidades que representava o mais forte poder em Itália, mas que esmoreceu após os latinos e os sabinos de Roma expulsarem os amos etruscos em 510 a. C. Estes piratas tirrenos, como eram conhecidos,

eram amigos dos cartagineses e prejudicavam as atividades gregas por todos os meios ao seu alcance.

Nenhuma introdução às viagens marítimas gregas ficaria completa sem referir a *Odisseia* de Homero. Neste capítulo, foi já feita referência à ascensão de Micenas, a capital da confederação aqueia que reinava sobre o Sul do Egeu. A rival era Troia, situada nos Dardanelos, erguida sobre as ruínas do Império Hitita e apoiada por uma poderosa confederação de tribos. O tema imortal de Homero foi o cerco de Troia pela liga aqueia cerca de 1200 a. C., um feito que, até a pá do arqueólogo ter esclarecido as coisas, era considerado lendário. No que diz respeito ao lado geográfico dos poemas de Homero, é demonstrado um conhecimento correto da região do Egeu, como seria de esperar, mas quando Ulisses, na viagem de regresso a casa após a Guerra de Troia, visita o Egito e fala dos lotófagos, ou quando quase é morto pelo ciclope da Sicília, ou, mais uma vez, quando escapa por pouco a Cila, ainda que com a perda de seis heróis, e consegue fugir a Caríbdis, dá asas ao maravilhoso génio que ao longo dos séculos fascinou a humanidade.

«Ora através das rochas, em profundo assombro abalados,  
 Dobramos a nossa rota e o caminho dos desesperados;  
 Forma então a medonha Cila uma cena de horror ali,  
 E eis Caríbdis a encher de tempestades as profundezas daqui;  
 Quando a maré jorra das suas cavernas retumbantes,  
 Ruge a pedra dura, fervem as ondas trovejantes.»

O astuto Ulisses destaca-se como sendo do tipo dos robustos marinheiros do Mediterrâneo, que derrotaram a Pérsia na batalha de Salamina, e eu fiquei amargamente desiludido ao ser informado durante uma passagem pelo estreito de Messina de que um tremor de terra fizera com que a histórica Cila desaparecesse nas ondas.

Os gregos entraram em cena mais tarde, sendo vigorosamente combatidos pelos fenícios, que afundavam todos os navios estrangeiros no Oeste do Mediterrâneo, e também pelos tirrenos. Com o passar do tempo, porém, foram instaladas colónias gregas nas costas leste e sul da Sicília, enquanto Cartago ocupava as costas oeste e norte, e também a Sardenha.

Os produtos da Grécia, mais valorizados do que os de Cartago, ajudaram a sustentar os empreendimentos comerciais gregos, e, apesar da hostilidade cartaginesa, os aventureiros gregos fundaram Massília (Marselha) no Oeste do Mediterrâneo e Cirene no Norte de África, tendo ambas as colónias prosperado. No mar Negro, os gregos estavam já instalados desde os primórdios, escolhendo situar as suas cidades nos locais onde as rotas comerciais terminavam e junto à foz dos rios.

A Anaximandro de Mileto, que viveu no século VI a. C., devemos o primeiro mapa do mundo. Via-o como uma secção de um cilindro de considerável espessura, suspenso nos céus, tal como Job descreve no mote deste capítulo. O mar Egeu formava o centro deste disco circular, com um vasto oceano a flutuar à volta. Hecateu, que viveu mais de uma geração depois, conhecia intimamente as terras limítrofes ao Mediterrâneo até à Sardenha, e tinha um conhecimento geral das províncias do Império Persa. Viajara também pelo Egito, que foi o primeiro a descrever como «o dom do Nilo». O seu livro, intitulado *Periodos*, é a primeira obra de geografia conhecida.

Hecateu viveu no reinado de Dario, o grande organizador do Império Persa. Apercebendo-se da importância das comunicações, Dario construíra a Estrada Real, que ligava Sárdis a Susa através do coração da Ásia Menor, atravessando o Eufrates em Samósata e o Tigre em Nínive, e seguindo daí para a capital de inverno do *Grande Rei*, uma distância de mais de 2400 quilómetros. Para um homem a pé, era uma viagem de três meses, mas, com mudas de cavalos a cada etapa, podia ser percorrida por mensageiros em cerca de uma quinzena. Como se pode supor, esta estrada expandiu os horizontes das províncias que atravessava e abriu a Pérsia ao mundo helénico em geral e aos gregos jónicos em particular.

Heródoto, o pai da história que brilhou no século V a. C., era um explorador e um eminente geógrafo. Fez longas viagens pelo mar Negro, pela Grécia e pela *Magna Graecia*. Visitou Tiro e Gaza e passou um longo período no Egito. Viajou também pela Estrada Real até Susa e Babilónia. Em resultado dos seus estudos e das extensas viagens, deu-se conta de que a teoria do mundo enquanto disco circular era insustentável e dividiu as terras que envolvem o mar Mediterrâneo nos continentes de Europa, Ásia e África. A Europa, entende-a como

delimitada pelo Atlântico a oeste, mas estendendo-se indefinidamente pelo Norte da Ásia. Possui escassos conhecimentos da Europa Central e do Norte, e indica Pirene – talvez um eco dos Pirenéus – como uma cidade, enquanto ecos similares dos Alpes e dos Cárpatos surgem como afluentes do Ister ou Danúbio, que considerava ser o principal rio da Europa. Na Ásia, o seu conhecimento estende-se até à Índia do vale do Indo e, graças a Cílix, cuja expedição é descrita no próximo capítulo, sabe da existência do mar da Eritreia.

Em África, ouviu falar em Meroé, a capital da Etiópia, mas o Nilo surge como correspondendo ao Danúbio, devido à paixão dos gregos pela simetria. Embora tenha ouvido falar em etapas na rota das caravanas para oeste, e fixe o contorno da costa norte de África, o seu conhecimento do interior desse continente é tão vago como no caso do Norte da Europa. Refere, ainda assim, uma história que lhe chegou do oásis de Siwa sobre um grande rio muito para sudoeste, repleto de crocodilos, que é obviamente o Níger, mas que ele interpretou como sendo o troço superior do Nilo.

Era, pois, essa a posição da exploração no século v a. C.